

UM OLHAR PARA A PERIFERIA: o processo de favelização na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Francis Albert Cotta¹

e-mail: francis.cotta@bol.com.br

Marcilene da Silva²

e-mail: francis.eod@gmail.com

Resumo: *Partindo da análise da constituição de algumas favelas da Capital Mineira lança-se o olhar para o processo de favelização na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Observa-se que várias favelas da RMBH surgiram em torno de conjuntos habitacionais, muitos deles construídos para receber indivíduos de baixo poder econômico e/ou oriundos das áreas de subúrbio situadas em Belo Horizonte. As pessoas realocadas, no processo de adaptação às novas realidades, desenvolvem estratégias coletivas permeadas pela reapropriação do espaço físico e simbólico, o que se traduz no ambiente físico que circunda os primeiros conjuntos habitacionais. Todo esse processo desemboca num ciclo vicioso de constante re-favelização, uma vez que junto aos conjuntos habitacionais são criadas novas favelas, nas quais se podem observar muitos moradores egressos dos conjuntos habitacionais, e que por sua vez vieram de favelas tradicionais existentes no entorno de Belo Horizonte.*

Palavras-chave: *Favelas, políticas públicas, geografia urbana.*

Abstract: *Based on the analysis of the constitution of some slums of the mining capital launches his eyes to the slumming process in the metropolitan region of Belo Horizonte (RMBH). It is observed that several slums of MRBH emerged around housing estates, many of them built to accommodate individuals of low economic power and / or coming from the suburban areas located in Belo Horizonte. People resettled in the process of adapting to new realities, develop collective strategies permeated by the reappropriation of physical and symbolic space, which translates in the physical environment that surrounds the first housing. The whole process ends in a vicious cycle of constant re-slumming, since next to the housing are created new slums, where you can observe many graduates residents of housing estates, which in turn came from existing traditional slums in surrounding Belo Horizonte.*

Keywords: *Slums, public policy, urban geography*

¹Doutor em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pós doutor em Direito Penal e Garantias Constitucionais – UNLaM. Pós doutor em Psicologia – UJFK. Pós doutor em História Social da Cultura – UFMG

²Mestre em História da Educação. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais.

1 Introdução

O estudo das favelas, por ser complexo e multifacetado, exige uma abordagem multidisciplinar na qual a História, Sociologia, Antropologia e Geografia Urbana estabelecem diálogos nem sempre convergentes. As contribuições metodológicas e teóricas dessas áreas do conhecimento permitem lançar luz sobre o fenômeno urbano e avançar no sentido de compreender as relações sociais e culturais estabelecidas pelos homens e entre esses e o meio ambiente.

Inicialmente lança-se o olhar sobre o processo sócio-histórico de formação das primeiras favelas em Belo Horizonte, procurando identificar sua institucionalização e consolidação. Em seguida, são analisados os processos de ocupação das áreas periféricas de Belo Horizonte e a formação das favelas em bairros suburbanos e em cidades vizinhas, a partir da realocação de indivíduos vindos de favelas da Capital Mineira.

A hipótese com a qual se trabalha neste artigo é que existiria uma relação entre o estabelecimento das *favelas periféricas* e a construção dos conjuntos habitacionais para indivíduos de baixo poder econômico e/ou provenientes de áreas desapropriadas em Belo Horizonte a partir da década de 1980. A inadimplência relativa ao pagamento dos financiamentos habitacionais, a possibilidade de capitalização através da transferência das moradias mediante recebimento de certa quantia em dinheiro, não adaptação às novas instalações, crescimento familiar, entre outras estariam na causa do processo de favelização que se observa junto aos conjuntos habitacionais criados na capital.

Hoje quando se observa o empobrecimento e a degradação dos espaços físicos desses conjuntos e de seu entorno, somos levados a questionar em momento e por quais razões o espaço foi sendo favelizado geográfico e simbolicamente? Alguns dados compõem o pano de fundo dessas questões: em alguns casos, por falta de acompanhamento e fiscalização dos órgãos municipais competentes; definição de parâmetros claros de ocupação e construção; inadimplência com as companhias fornecedoras de água e energia elétrica, e falta de manutenções nos imóveis - construídos com materiais de baixa qualidade - certas regiões dos conjuntos habitacionais adquiriram características de favelas. Ou seja, são construções que não respondem a perspectiva da sustentabilidade.

Para a análise do processo de favelização na periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte foram selecionados os conjuntos Palmital e Morro Alto. A margem desses conjuntos habitacionais estão favelas como: Caldeirão do Diabo, Mangue Seco, Marcelão, Alto do Cruzeiro, e Vila Hasa, além de outros pequenos conglomerados situados no eixo Vespasiano - Santa Luzia, localizados nos bairros São Cosme, São Damião e Santa Clara.

2 Favelas na Capital das Minas Gerais: uma abordagem histórica

As favelas de Belo Horizonte surgiram nos finais do século XIX com a construção da nova capital das Minas Gerais. Apesar de ser uma cidade planejada dentro dos limites da avenida do Contorno, não se vislumbrou uma área que acomodasse todos os trabalhadores da construção civil, vistos como uma mão de obra temporária. Eles foram reservados áreas de acampamento com capacidade para 200 pessoas aproximadamente. Não tardou a emergência de *cafus* e barracos no entorno ou proximidades dos canteiros de obras. Em 1895, antes mesmo de ser inaugurada, Belo Horizonte contava com duas áreas já ocupadas, localizadas no Córrego do Leitão e Alto da Estação, com cerca de 3000 pessoas. Tal situação ocorria com a permissão tácita do governo, que se preocupava em garantir a mão-de-obra necessária às construções. Conforme avançava o projeto de construção da capital, em virtude de especulações nas áreas mais centrais e dotadas de infraestrutura, exige-se uma nova postura da Prefeitura em relação às áreas invadidas. Em 1902 criou-se a *Área Operária* e operacionalizou-se a primeira remoção de favelas³.

A *Área Operária* tornou-se insuficiente para receber os trabalhadores. A população mais pobre e trabalhadora foi empurrada para a periferia, que foi sendo ocupada desordenadamente. Quando determinada área se valorizava, em virtude do crescimento da cidade, os trabalhadores eram obrigados a se transferirem para outras regiões mais distantes e sem infraestrutura, geralmente onde se necessitava de mão-de-obra, dando início a formação das vilas operárias. Inicialmente as favelas localizadas fora da região central de Belo Horizonte, por não comprometerem o modelo de cidade da

³ GUIMARÃES, Berenice Martins. *Cafus, barracos e barracões*: Belo Horizonte, cidade planejada. 1991. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

nova Capital, estariam fora da ação controladora da Prefeitura. Nessa lógica todas as favelas que estavam na região nobre foram removidas⁴.

Na década de 1930 uma nova concepção se impõe: conter a desordem urbana e promover o desenvolvimento da cidade. O discurso oficial sustentava a remoção das favelas, mesmo aquelas localizadas fora da região nobre da cidade, com objetivos urbanísticos e de saneamento. Pela primeira vez associa-se a idéia de “periculosidade” às favelas. Elas são vistas como locais de focos de epidemias e de criminalidade. Escapam da ação da Prefeitura aquelas localizadas em regiões de difícil acesso e que não eram do interesse de mercado. Apesar das ações implementadas existiram resistências e várias favelas permaneceram (QUADRO I).

Nos anos 40 do século XX, com o crescimento acelerado da população, inicia-se a constituição de várias favelas em municípios próximos à Belo Horizonte, especialmente em Contagem, onde se encontrava o parque industrial. Nessa época assistiu-se o processo de reabertura política e a constituição das Uniões de Defesa Coletiva e a Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte⁵. Em 1955 é criado o Departamento de Bairros Populares, órgão da Prefeitura de Belo Horizonte. Em defesa dos moradores advogava-se que a remoção da população favelada somente se faria mediante a construção de conjuntos habitacionais. Na prática construiu-se apenas um único conjunto habitacional. O processo de remoção permaneceu nos moldes antigos, em que se utilizavam estratégias como o corte do abastecimento de água e luz como forma de minar a resistência dos moradores.

No início da década de 1960 foi proposta a construção de uma grande área de conjuntos habitacionais destinada a receber a população favelada de Belo Horizonte, além da urbanização de quatro favelas localizadas na cidade. Com o Golpe Civil-Militar de 1964 nenhuma proposta foi operacionalizada. Sob o Governo dos Militares, centrado no *direito da propriedade*, a favela torna-se objeto de ação policial. Nessa época foi criado um órgão oficial para a remoção de favelas em Belo Horizonte. No espaço de 12 anos (1971/1983) a Coordenação de Habitação de Interesse Social (CHISBEL) atuou em 423 áreas da cidade, de onde removeu 10 mil barracos, cerca de 44 mil pessoas. Os

⁴ GUIMARÃES, Berenice Martins. *Favelas em Belo Horizonte*. Tendências e desafios. Análise & Conjuntura, Belo Horizonte, v.7, n. 2 e 3, maio/dez.1992. p. 11-18.

⁵ AFONSO, Marisa Resende; AZEVEDO, Sérgio de. Poder público e movimento de favelados. In: POMPERMAYER, Malori (Org.). *Movimentos sociais em Minas Gerais*. Emergências e perspectiva. Belo Horizonte: UFMG, 1988, p. 111-139.

moradores removidos recebiam indenizações insuficientes, o que provocou o surgimento de novas favelas em regiões mais distantes e o adensamento das existentes.

As enchentes de 1979 e 1982, somadas à rearticulação dos movimentos de favelados e ao processo de reabertura política, colocou a questão das favelas sob outro enfoque. Com a criação do Programa de Desenvolvimento de Cominidades (PRODECOM) da Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral (SEPLAN/MG) reconheceu-se, mesmo que implicitamente, o direito da população favelada permanecer nas áreas invadidas. As ações do PRODECOM baseavam-se em um planejamento participativo implementado juntamente com as associações comunitárias. O programa atuava em ações de urbanização e legalização da posse da terra, atividades desenvolvidas com o auxílio pela CHISBEL e do Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (PLAMBEL) – órgão do Estado encarregado do planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte⁶. O comportamento do poder público frente à questão das favelas pautou-se em duas ações: 1º) a desocupação dos terrenos acompanhada ou não de programas de lotes urbanizados ou da construção de conjuntos para abrigar as famílias; 2º) a permanência da população favelada no local, a urbanização, a regularização do espaço e a legalização da posse da terra.

A abertura da possibilidade de permanência das favelas existentes em áreas públicas e urbanizáveis, significou o seu adensamento e verticalização das moradias. Concomitantemente o crescimento da população e a conseqüente formação de novas gerações, levou à continuidade de invasão de outras áreas e à formação de novas favelas em locais mais distantes, localizados na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Quadro I - Surgimento e remoção das primeiras favelas de Belo Horizonte

Favela	Localização	Surgimento	Remoção	Observações
Alto da Estação	Santa Tereza	1895	1902	Após a remoção formou a Favela da Barroca.
Córrego do Leitão	Barro Preto	1895	1902	Após a remoção formou a Favela da Barroca.
Barroca	Barro Preto	1902	1942	Existiu por 40 anos na região central de Belo Horizonte. Denominada a “Latolândia” da Capital. Seu deslocamento ocorria ao longo da Av. Olegário Maciel. Em 1942, localizava-se no bairro Guitierrez, onde foi construída a Assembléia Legislativa. Após a expulsão formam a Favela dos Marmiteiros e o Morro do Querosene.
Praça Raul Soares	Barro Preto	1910	1935	
Pedreira Prado Lopes	Lagoinha	1920	1942	Após sua remoção em 1942, novo núcleo surgiu em 1945.
Perrela	Santa Efigênci	1920	1982	
São Jorge (Morro das Pedras)	Jardim América	1922		
Pindura Saia	Cruzeiro	1930		
Senhor dos Passos	Lagoinha	1930		
Acaba Mundo	Sion	1935		
Alto do Vera Cruz	Vera Cruz	1935		
Palmital	Lagoinha	1935		
Universidade	Santo Agostinho	1935		
Santo André	Lagoinha	1935		
Buraco Quente	Carmo-Sion	1940		
Cabana do Pai Tomaz	Vista Alegre	1941		
Marmiteiros	Padre Eustáquio	1942		
Morro do Querosene	Luxemburgo	1942		
Pombal	Serra	1944	1982	
Edgar Werneck	Horto Florestal	1945	1982	
Pau Comeu (Aparecida)	São Lucas	1948		
Buraco do Peru	Carlos Prates	1950		

Fontes: TEULIÈRES, Roger. Favelas em Belo Horizonte. *Boletim Mineiro de Geografia*, n.1. p. 7-37, jul. 1957; VEM, Michel Marie. *Estudo de seis favelas e quatro bairros populares de Belo Horizonte*. Praxis, Belo Horizonte, p. 19-39, 1975; GUIMARÃES, Berenice Martins. Favelas em Belo Horizonte: Tendências e desafios. *Análise & Conjuntura*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2 e 3, maio/dez. 1992, p. 13.

⁶ CUNHA, Flávio Saliba. Urbanização de favelas e bairros de periferia: considerações sobre a experiência do PRODECOM em Belo Horizonte. In: ENCONTRO ANUAL DA Anpocs, 6. 1982, Friburgo. Friburgo: ANPOCS, 1982.

3 Da capital para a periferia

As favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte se encontram nas denominadas *áreas de expansão urbana* - espaços em que ocorre o processo de crescimento de uma aglomeração urbana, no qual interagem os mecanismos de procura por novas áreas residenciais, comerciais ou industriais. Esse processo é condicionado por diversos fatores, dos quais um dos mais influentes é a qualidade e direção das vias de circulação, atraindo o crescimento da mancha urbana e transformando-se no seu eixo de expansão. No caso dos conjuntos habitacionais aqui analisados, conjunto habitacional Morro Alto e Conjunto Palmital, a principal via de ligação se faz pela MG 10, rodovia que liga Belo Horizonte ao Aeroporto de Confins.

Na década de 1980 os conjuntos habitacionais Morro Alto (Vespasiano) e Palmital (Santa Luzia) receberam diversas famílias oriundas de favelas de Belo Horizonte, algumas desalojadas em virtude de enchentes que assolaram os moradores do Perrela. Com o passar dos anos vários moradores retornaram às antigas moradias. Outros repassaram as casas e apartamentos para terceiros – que possuíam empregos fixos - e com o dinheiro recebido invadiram áreas nas proximidades dos conjuntos, construindo seus barracos. Por fim, existe um terceiro grupo de moradores que mesmo inadimplentes com suas prestações não abandonam suas residências, mas perdiam a capacidade econômica de promover a manutenção das construções dando lugar a um processo de deteriorização dos imóveis. Atrela-se a isso a baixa qualidade do material utilizado na construção dos conjuntos habitacionais. A baixa expectativa dos moradores e a falta de capacidade econômica para o pagamento das contas de água e energia que levava a suspensão e/ou corte, consubstanciou práticas ilegais como por exemplo os “gatos” que são os furtos de água e energia elétrica..

A alteração das estruturas físicas das casas, com a construção de “puxadinhos” sem o devido acompanhamento e fiscalização dos órgãos competentes levou à descaracterização dos imóveis e uma hiperdivisão de sua pequena área, cerca de 25 m² por residência. A falta de controle da natalidade e a gravidez precoce são fatores complicadores que tem reflexos imediatos na questão habitacional. Muitas residências comportam até quatro gerações de famílias. Em alguns casos os acréscimos e mudanças nas casas afetam diretamente a estrutura física dos imóveis fragilizando-os.

As invasões de áreas em torno dos conjuntos habitacionais proporcionaram o surgimento de várias favelas. As encostas foram utilizadas para construção de barracos sem um mínimo de estrutura necessária para sua permanência. Ao chegar a época das chuvas os barracos não suportam e descem ladeira abaixo. Além dos prejuízos físicos, várias famílias perderam alguns de seus membros em decorrência dos desabamentos. Apesar das tragédias familiares, por falta de opção os moradores reconstróem seus barracos e permanecem nas áreas de risco.

A falta de infra-estrutura básica ainda é um problema que assola os moradores das favelas próximas aos conjuntos habitacionais. A maioria dos aglomerados não é servido por sistema de esgoto, nem tampouco existem vias urbanizadas. É recente o sistema de fornecimento de água e energia elétrica. Em virtude das inadimplências os cortes nos abastecimentos são constantes e a maioria dos moradores se serve de “gatos”. Por esse crime, tipificado como furto qualificado, não poucos moradores já foram condenados pela justiça.

A *geografia das favelas* por suas especificidades e dificuldades de acesso seduzem os cidadãos infratores que para lá se deslocam e permanecem de forma provisória a estabelecer contatos com indivíduos de outros aglomerados. A entrada de veículos para atendimento de emergências é limitada devido a falta de vias trafegáveis e pela dinâmica de localização dos barracões.

Considerações finais

A falta de políticas públicas que envolvessem, de forma integrada e sistêmica, os municípios de Belo Horizonte, Vespasiano e Santa Luzia teriam contribuído para o processo de favelização das regiões próximas aos conjuntos habitacionais Morro Alto e Palmital. Por muitos anos as vilas permaneceram, e em algumas regiões permanecem, sem um mínimo de infra-estrutura para as moradias. É relativamente recente as ações dos governos municipais no sentido de incentivar a implementação de pequenas indústrias, o que representa a amenização do problema do desemprego, especialmente para mulheres e jovens.

Nota-se que além de Vespasiano e Santa Luzia outras cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte e mesmo em alguns bairros periféricos da Capital o processo de favelização nas proximidades dos conjuntos habitacionais construídos pela COHAB, resguardadas as especificidades locais, segue um padrão semelhante. A esse respeito veja a relação entre os anexos I e II. A não realização de obras de infra-estrutura por parte de vários municípios da RMBH fez com que determinadas comunidades se mobilizassem e implementassem ações ligadas à melhoria na qualidade de seu espaço. Nesse sentido, exemplar é o caso dos moradores da Alameda Jasmim, núcleo localizado entre a Vila Hasa e Favela do Marcelão, nas proximidades do Conjunto Morro Alto. Os moradores, grande parte formada por trabalhadores da construção civil e ligados entre si por laços de parentesco, realizaram, através de multirão, a rede de esgoto e a pavimentação da rua principal do Aglomerado. Além dessas ações, construíram na saída da vila um local coberto, feito de madeira, onde os moradores da comunidade pudessem esperar o ônibus coletivo. Construíram ainda, com madeira oriunda de construções antigas, uma cesta coletiva para depósito provisório e posterior recolhimento do lixo.

Nessas comunidades identificam-se as reapropriações dos espaços. Eles se tornam lugares repletos de sentidos e mediadores de experiências. Viver e apreender as vilas e favelas é mais que simplesmente nelas morar e trabalhar: a sociabilidade e o cotidiano das relações acabam criando sentimentos de pertencimento e, ao mesmo tempo, de afastamento da cidade.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Marisa Resende; AZEVEDO, Sérgio de. Poder público e movimento de favelados. In: POMPERMAYER, Malori (Org.). *Movimentos sociais em Minas Gerais*. Emergências e perspectiva. Belo Horizonte: UFMG, 1988, p. 111-139.

CUNHA, Flávio Saliba. Urbanização de favelas e bairros de periferia: considerações sobre a experiência do PRODECOM em Belo Horizonte. In: ENCONTRO ANUAL DA AMPOCS, 6. 1982, Friburgo. Friburgo: ANPOCS, 1982.

GUIMARÃES, Berenice Martins. *Cafuas, barracos e barracões*: Belo Horizonte, cidade planejada. 1991. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZALUAR, Alba & ALVITO, M. (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

RIBEIRO, Núbia B. *et. al. Becos da memória, desenhos da cidadania* – Pedreira Prado Lopes: a Vila no trajeto de sua história oral. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, 2001.

SILVA, Regina Helena A & SOUZA, Cirlene C. Múltiplas identidades: entre morros e asfaltos. In: FRANÇA, Vera. R. V. (org.) *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ANEXO I
VILAS OU FAVELAS DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

REGIÃO	NOME DA VILA	APELIDO
BARREIRO	Alta Tensão I e II	Bairro das Indústrias
	Antenas	Vila Mangueiras
	Atila de Paiva	Vila Joana D'Arc
	CEMIG	
	COPASA	
	Independência I, II, III, IV	Vilinha Independência
	Marieta I e II	Vilinha
	Piratininga	
	Presidente Vargas I	
	Tirol I, II e III	
	Vila Bernadete	
	Vila Formosa	
	Vila Nova dos Milionários	
	TOTAL	13
CENTRO SUL	Acaba Mundo	Mala e Cuia
	Bandeirantes	Ápia
	FUMEC	
	Morro do Querosene	São José
	Nossa Senhora de Fátima (Aglomerado da Serra)	Cafezal
	Nossa Senhora Aparecida (Aglomerado da Serra)	Pau Comeu
	Nossa Senhora da Conceição (Aglomerado da Serra)	Cafezal
	Novo São Lucas	
	Santa Isabel	
	Santa Lúcia (Aglomerado Barragem)	Barragem
	Santa Rita de Cássia (Aglomerado Barragem)	Papagaio
	Santana do Cafezal (Aglomerado da Serra)	
	Vila Estrela (Aglomerado Barragem)	
	Vila Marçola (Aglomerado da Serra)	Cabeça de Porco
	TOTAL	16
LESTE	Alto Vera Cruz	
	Belém	
	Boa Vista	Mariano de Abreu
	Buraco Quente I, II	Vila Dias
	Caetano Furquim	Souza Aguiar
	Cônego Pinheiro	
	Cônego Pinheiro A	
	Grota	
	João Alfredo	Pedreira da Pompéia
	Nossa Senhora do Rosário	

	Paraíso	
	Rock In Rio	Vila olaria
	São Geraldo	
	São Rafael	
	São Vicente	Buraco Quente
	União	
	Vila da área	
TOTAL		17
NORDESTE	Aarão Reis	
	Beira Linha	
	Carioca	
	Dom Silvério	
	Esplanada A	
	Guanabara	
	Inestan	Humaitá
	Nova Cachoeirinha III	
	Nova Cachoeirinha IV	
	São Benedito	Presidente Vargas
	São Gabriel	
	São Paulo	Praça da Associação
	Tiradentes/Concórdia	
	Três Marias	
	Triba	
	Universitários	
	Vila Coqueiro da Paz	Vila da Paz
	Vila Maria	Gorduras
	Vila de Sá	
	Vila Ipiranga	Caixa D'Água
Vila do Pombal		
Vista do Sol		
TOTAL		23
NOROESTE	31 de Março	CICOBE
	Alvorada	Antenas/ Neves Trancredo
	Antena	
	Califórnia	Sovaco das Cobras
	Coqueiral	Vila Paz / Pé do Morro
	Delta	João Pinheiro
	Jardim Montanhês	Jardim Alvorada/ Manacás
	Lorena	
	Maravilha I, II, III	Santa Maria
	Marmiteiros	São Vicente
	Nova Cachoerinha I, II	
	Oeste	
	Peru	
	Prado Lopes	Pedreira

	PUC	
	Santo Antônio	
	São José A (Av. Pedro II)	
	Senhor dos Passos	Buraco Quente
	Sport Club I, II, III, IV	Cidade Industrial
	Sumaré/ Inferninho	
	Vila Real	Maloca
TOTAL		21
NORTE	1º de Maio	
	Baronesa de Santa Luzia	Biquinhas
	Boa União	
	Clóris	Bacurau
	Minaslândia	1º de Maio/São José
	Parque da Aviação	Biquinhas
	Ribeiro de Abreu	
	São Tomás/ São Bernardo (Aglomerado)	
TOTAL		08
OESTE	Antena (Aglomerado Morro das Pedras)	
	Barão Homem de Melo I, II, III, IV, V, VI	
	Betânia I, II, III, IV e V	Bairro das Indústrias
	Cabana do Pai Tomás	
	Chácara Leonina (Aglomerado Morro das Pedras)	Alpes
	Guarata	Ambrosina
	Imbaúbas	
	Leonina	
	Nova Gameleira I, II	Nova Gameleira
	Santa Sofia (Aglomerado Morro das Pedras)	
	São Jorge I (Aglomerado Morro das Pedras) Rua Bento	
	São Jorge II (Aglomerado Morro das Pedras) Cascalho	
	São Jorge III (Aglomerado Morro das Pedras) Lixão	
	São José I, II, III, IV, V, VI	Divinéia/ Madre Gertudres
	Tereza Cristina I, II	Gameleira / Sovaco das Cobras
	Ventosa	Cercadinho
	Vila Nova Paraíso	Vila Dona Geralda
Vista Alegre	Nova Cintra	
TOTAL		19
PAMPULHA	Aeroporto	Santa Cruz
	Novo Ouro Preto	
	Paquetá	
	Santa Rosa	

	Santo Antônio	
	São Francisco	
	Suzana I, II	
	Vila Isabel	
TOTAL		08
VENDA NOVA	Apolônia	Parque Jardim Leblon
	Copacabana I	
	Flamengo	
	Jardim Leblon	Itamarati
	Nossa Senhora Aparecida	
	Nova América	
	Santa Mônica	Mãe dos Pobres
	São João Batista	
	São José / Céu Azul	Vila dos Anjos
	Serra Verde (Borel)	
	SESC	Vilarinho
	Universo	Copacabana II
	Várzea da Palma	Itamarati
TOTAL		14
TOTAL GERAL		138 VILAS

Fonte: Plano Diretor de Belo Horizonte – URBEL.

**ANEXO II
CONJUNTOS HABITACIONAIS EM BELO HORIZONTE**

REGIÃO	NOME	APELIDO	REGIÃO	NOME	APELIDO
Barreiro	Jatobá I	Vila Santa Rita	Noroeste	Jardim Filadélfia	Buraco da Cobra
	Jatobá II	Vila Pinho	Norte	Floramar	-
	Jatobá III	Vila Castanheira		Mariquinhas	-
	Jatobá IV	Vila Maria		Jardim Felicidade	-
	Bonsucesso	Conjunto Ferrara		Zilah Souza Sposito	Jaqueline
Centro Sul	Santa Maria	-		Providência	-
Leste	Taquaril		Pampulha	Ribeiro de Abreu	-
	João Pio de Souza	América/Fazendinha		São Francisco de Assis	Trevo/ Braúnas
	Mariano de Abreu	-	Confisco	-	
Nordeste	Paulo VI	-	Venda Nova	Minas Caixa	
	Capitão Eduardo	-			
TOTAL - 21 conjuntos habitacionais.					

Fonte: Plano Diretor de Belo Horizonte. URBEL.